



## PSICOLOGIA EDUCACIONAL EM UMA ÉPOCA VIRAL: infância e Covid-19

### EDUCATIONAL PSYCHOLOGY IN A VIRAL AGE: childhood and Covid-19

Giovani Meinhardt<sup>1</sup>

**Resumo:** Depois de introduzir o tema da pandemia de Covid-19, buscamos mostrar os efeitos das medidas de combate na psicologia do desenvolvimento infantil, principalmente as implicações psicológicas da quarentena.

**Palavras-chave:** Confinamento. Quarentena. Covid-19. Escola. Infância.

**Abstract:** After introducing the Covid-19 pandemic theme, we seek to show the effects of combat measures on child developmental psychology, especially the psychological implications of quarantine.

**Keywords:** Lockdown. Quarantine. Covid-19. School. Childhood.

## 1 UMA ÉPOCA VIRAL

O espírito de nossa época indicava o fascínio da comunicação em rede, o crescimento exponencial de dispositivos transistorizados em massa e o progresso comunicativo do *homo digitalis*. Tal deslumbramento do suposto encurtamento das distâncias físicas desenvolveu novas visões de mundo, creditando à tecnologia da informação um poder titânico. De acordo com Fowler (2020, p. 71)

O rápido crescimento do poder da computação, a onipresença de computadores e dispositivos de processamento de informações, o crescimento da Internet e o fascínio resultante pela tecnologia têm alimentado

especulações desenfreadas sobre o futuro da humanidade em nossa era tecnológica. 'Inteligência Artificial' é uma fase abrangente que resume muita crença no poder das máquinas, agora e no futuro.<sup>2</sup>

A inteligência artificial, respaldada pela admiração da inteligência humana em criá-la, utilizou as neurociências como patamar simbólico e quase unânime de pesquisa. Agora, procurar saber como o cérebro funciona envolve muitos campos de saber. Como a autonomia da inteligência foi projetada nas máquinas, os computadores tornaram-se metáfora aplicada ao cérebro. Essa não é uma simples reversão, mas uma equiparação entre computadores e cérebro. "Este é o ponto de vista do que é conhecido

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia, Mestre em Filosofia e Graduação em Psicologia, todos pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Atualmente é professor do Instituto Superior de Educação Ivoti e psicólogo escolar. E-mail: [giovani.meinhardt@institutoivoti.com.br](mailto:giovani.meinhardt@institutoivoti.com.br)

<sup>2</sup> "The rapid growth of computing power, the ubiquity of computers and information processing devices, the growth of the Internet, and the resulting fascination with technology have all fueled unbridled speculation about the future of humanity in our technological age. "Artificial Intelligence" is a catch-all phrase that sums up much belief in the power of machines, both now and in the future".

como 'IA geral': as máquinas terão inteligência semelhante em espécie à inteligência humana, mas superior".<sup>3</sup> (FOWLER, 2020, p. 72). Novos discursos baseados na inteligência colocaram-na como espírito de nossa época. É a partir dessa correlação que o filósofo coreano Byung-Chul Han (2017, p. 7-8) escreveu sobre o que ele acreditava ser a enfermidade básica de nossa época:

Apesar do medo imenso que temos hoje de uma pandemia gripal, não vivemos numa época viral. Graças à técnica imunológica, já deixamos para trás essa época. Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal.

Han não estava equivocando ao afirmar que as pessoas sofrem psicologicamente de acordo com uma multiplicidade de motivos, principalmente concernentes às políticas públicas deficitárias em âmbito global. Por outro lado, no decorrer dos últimos anos vivemos épocas virais cujas técnicas imunológicas aplicadas não foram desenvolvidas o suficiente para combatê-las. Além das epidemias de varíola, malária, dengue e Aids, basta citar a alta letalidade do vírus Ebola<sup>4</sup>, – variando entre 46 e 90%, – comprovando que vivemos em uma época viral. Conforme a World Health Organization (2020a)

O vírus Ebola causa uma doença grave e aguda que geralmente é fatal se não for tratada. A EVD apareceu pela primeira vez em 1976 em 2 surtos simultâneos, um no que é agora Nzara, no Sudão do Sul, e o outro em Yambuku, na RDC. Este último

ocorreu em uma vila perto do rio Ebola, da qual a doença leva seu nome.<sup>5</sup>

O aparecimento de um vírus gravíssimo que poderia saltar do surto para a pandemia preocupou inúmeros especialistas do mundo, motivando de forma urgente um "[...] Colóquio Internacional sobre Infecção pelo Vírus Ebola e outras febres hemorrágicas, organizado na Antuérpia, Bélgica, de 6 a 8 de dezembro de 1977". (PATTYN, 1978, p. 3). Devido à alta letalidade, a preocupação dos cientistas estava concentrada no possível transbordamento do vírus Ebola, que atingiria o estatuto de pandemia.

O vírus Ebola é um caso claro de um reservatório viral existente sendo derramado na população humana. As evidências atuais sugerem que os hospedeiros de origem são várias espécies de morcegos nativos da África Ocidental e Central, que agem como portadores, mas não são afetados pelo vírus. O mesmo não ocorre com outros mamíferos selvagens, como primatas e seixas, que contraem periodicamente o vírus e sofrem surtos rápidos e de alta letalidade. O Ebola tem um ciclo de vida particularmente agressivo quando ataca fora de suas espécies-reservatórios. Através do contato com qualquer um desses hospedeiros selvagens, os humanos também podem ser infectados, com resultados devastadores. (COLETIVO CHUANG, 2020).

Cabe sublinhar que o vírus Ebola não foi erradicado e um novo caso foi notificado em 2020. A 'cartografia' de um novo caso foi

<sup>3</sup> "This is the viewpoint of what is known as "General AI": machines will have intelligence similar in kind to human intelligence, but superior".

<sup>4</sup> "A letalidade da DVE pode chegar até 90%. Tem-se observado, no entanto, formas mais brandas da doença. Das cinco espécies até o momento identificadas para esse vírus, a denominada Zaire Ebolavirus (EBOV) é a que tem se mostrado como a mais letal". (SAMPAIO, SCHÜTZ, 2016). Contudo, a epidemia mais extensa do vírus Ebola alcançou o óbito de 46% de todos infectados, o que ainda é altamente letal. "A epidemia de DVE, que desde inícios de 2014 atinge a África Ocidental, em especial a Libéria, Guiné e Serra Leoa, é considerada a maior da doença de que se tenha registro, ao menos o mais extenso e duradouro até hoje. Associado à variante EBOV, a mais letal do vírus, o surto matou quase 5 mil pessoas entre março e outubro de 2014, e registrou, até 14 de outubro de 2015, 28.454 infectados, dos quais 11.297 foram a óbito<sup>5</sup>. A OMS estima a letalidade desse surto de DVE em 46%". (SAMPAIO; SCHÜTZ, 2016).

<sup>5</sup> "The Ebola virus causes an acute, serious illness which is often fatal if untreated. EVD first appeared in 1976 in 2 simultaneous outbreaks, one in what is now Nzara, South Sudan, and the other in Yambuku, DRC. The latter occurred in a village near the Ebola River, from which the disease takes its name".

imediatamente informada, sem surpresas, no site oficial da Organização Mundial da Saúde. “Um novo caso da doença pelo vírus Ebola foi confirmado hoje na cidade de Beni, na República Democrática do Congo (RDC)”.<sup>6</sup> (WHO, 2020b). O diretor-geral da OMS Tedros Adhanom Ghebreyesus (WHO, 2020b) afirmou: “Embora não sejam notícias bem-vindas, este é um evento que antecipamos. Mantivemos equipes de resposta em Beni e outras áreas de alto risco exatamente por esse motivo”. Além da antevisão de novos casos, o vírus Ebola esteve presente recentemente de forma massiva:

O surto de 2014-2016 na África Ocidental foi o maior surto de Ebola desde que o vírus foi descoberto em 1976. O surto começou na Guiné e depois passou pelas fronteiras terrestres para Serra Leoa e Libéria. O atual surto de 2018 e 2019 no leste da RDC é altamente complexo, com a insegurança afetando adversamente as atividades de resposta à saúde pública. (WHO, 2020a).

A capacidade de resposta da força tarefa para o combate do surto do vírus Ebola na República Democrática do Congo foi afetada, já que o controle de sua transmissão por vezes aparentava ser inoperante, embora o conhecimento e as pesquisas em curso sobre o vírus já existissem.

Poderíamos multiplicar os exemplos epidêmicos, o que comprova que o século XXI, tanto quanto o século anterior, pode ser definido, na perspectiva epidêmica e pandêmica, como viral. O equívoco de Han está em pensar a ausência de epidemias virais ou bacteriológicas a partir de uma visão eurocêntrica. Talvez a Europa não tenha passado nas últimas décadas por nenhum tipo de grave epidemia. Contudo, um continente ou um conjunto de países não encobre a realidade de qualquer outro, como por

exemplo a República do Níger, país pertencente à África Trasaariana, que

[...] já sofre por doenças que estão destruindo a população. A primeira doença, se podemos defini-la assim, é a fome. Seguida pela malária que é perigosa principalmente para os jovens; sem esquecer as doenças relacionadas à falta de água e a ausência de serviços higiênicos. Vivemos desde sempre em um contexto de precariedade. (ARMANINO; PIANA, 2020).

Armanino e Piana (2020) também sublinham “[...] que se está passando de uma emergência a outra. [...] E agora chega o coronavírus”. Diferente do vírus Ebola, o novo coronavírus rapidamente tornou-se global, atingindo a classificação de pandemia. Contudo, o que é o coronavírus? Para isso nós precisamos retroagir no tempo. De acordo com Henry (2020, p. 1027, grifo do autor)

O primeiro coronavírus, o vírus da bronquite infecciosa aviária, foi descoberto em 1937 por Fred Beaudette e Charles Hudson. Em 1967, June Almeida e David Tyrrell realizaram microscopia eletrônica em amostras de culturas de vírus que causam resfriados em seres humanos e identificaram partículas que se assemelhavam ao vírus da bronquite infecciosa aviária. Almeida cunhou o termo ‘coronavírus’, do latim *corona* (‘coroa’), porque os picos de glicoproteínas desses vírus criavam uma imagem semelhante a uma coroa solar.<sup>7</sup>

O termo é tratado no plural porque existem outros coronavírus. Como esclarece Henry (2020, p. 1027), as estirpes

[...] que infectam humanos geralmente causam sintomas leves. No entanto, mais recentemente, os coronavírus animais incluem síndrome respiratória aguda grave (SARS), síndrome respiratória do Médio Oriente

<sup>6</sup> “A new case of Ebola virus disease was confirmed today in the city of Beni in the Democratic Republic of the Congo (DRC)”.

<sup>7</sup> “The first coronavirus, avian infectious bronchitis virus, was discovered in 1937 by Fred Beaudette and Charles Hudson. In 1967, June Almeida and David Tyrrell performed electron microscopy on specimens from cultures of viruses known to cause colds in humans and identified particles that resembled avian infectious bronchitis virus. Almeida coined the term “coronavirus,” from the Latin *corona* (“crown”), because the glycoprotein spikes of these viruses created an image similar to a solar corona”.

(MERS) e doença de coronavírus (COVID-19).<sup>8</sup>

Esses e outros coronavírus animais desafiam a medicina humana e qualquer capacidade de resposta no mundo.<sup>9</sup> Contudo, a síndrome respiratória aguda grave (SARS) e a síndrome respiratória do Médio Oriente (MERS) não tiveram o alcance planetário da doença de coronavírus (COVID-19). De acordo com McIntosh (2020):

Os coronavírus são importantes patógenos humanos e animais. No final de 2019, um novo coronavírus foi identificado como a causa de um conjunto de casos de pneumonia em Wuhan, uma cidade na província de Hubei, na China. Ele se espalhou rapidamente, resultando em uma epidemia em toda a China, seguida por um número crescente de casos em outros países do mundo. Em fevereiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde designou a doença COVID-19, que significa doença de coronavírus 2019. O vírus que causa o COVID-19 é designado por coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2); anteriormente, era referido como 2019-nCoV.<sup>10</sup>

O vírus desconhecido que se tornou pandêmico em 2020, na verdade revela uma

história pregressa nada remota. Seu batismo se deu através de especialistas. “Um desses especialistas é a doutora Zheng-Li Shi, do Instituto Wuhan de Virologia, uma das principais autoras do rascunho do artigo que [...] deu ao nCoV-2019 seu nome e identidade”.<sup>11</sup> (QUAMMEN, 2020). O alarme aparentemente vanguardista da pandemia do ano de 2020 carrega fortes emissários ou prenúncios de que algo estava errado. O diagnóstico do desregramento sanitário não reside somente no ambiente, mas no mal comum instado pelo ser humano em sua ganância titânica de dinheiro e poder ligado à produção de epidemias, isso é, existe uma importante e fundamental dimensão ecológica do problema

O vírus por trás da epidemia atual (SARS-CoV-2) foi, como o antecessor de 2003 SARS-CoV, bem como a gripe aviária e gripe suína antes dele, gestado no nexo entre a economia e a epidemiologia. Não é por acaso que muitos desses vírus assumiram o nome de animais: a disseminação de novas doenças para a população humana acontece através da chamada transferência zoonótica, que é uma maneira técnica de dizer que essas infecções saltam dos animais para os humanos. Esse salto de uma espécie para outra é condicionado por

<sup>8</sup> “Strains that infect humans generally cause mild symptoms. However, more recently, animal coronaviruses have included severe acute respiratory syndrome (SARS), Middle East respiratory syndrome (MERS), and coronavirus disease (COVID-19)”.

<sup>9</sup> “A lista de vírus desse tipo que surgiu para os seres humanos soa como uma batida de tambor: Machupo, Bolívia, 1961; Marburg, Alemanha, 1967; Ebola, Zaire e Sudão, 1976; HIV, identificado em Nova York e Califórnia, 1981; uma forma de Hanta (agora conhecida como Sem Nome), sudoeste dos Estados Unidos, 1993; Hendra, Austrália, 1994; gripe aviária, Hong Kong, 1997; Nipah, Malásia, 1998; Nilo Ocidental, Nova Iorque, 1999; SARS, China, 2002-2003; MERS, Arábia Saudita, 2012; Ebola novamente, África Ocidental, 2014. E isso é apenas uma seleção. Agora temos o nCoV-2019, o último rolo de bateria”. (QUAMMEN, 2020). “La lista de virus de esta clase que han emergido hacia los humanos suena como un sombrero repiqueteo de tambor: Machupo, Bolivia, 1961; Marburgo, Alemania, 1967; ébola, Zaire y Sudán, 1976; VIH, identificado en Nueva York y California, 1981; una forma de Hanta (ahora conocido como Sin Nombre), sudoeste de Estados Unidos, 1993; Hendra, Australia, 1994; gripe aviar, Hong Kong, 1997; Nipah, Malasia, 1998; Nilo Occidental, Nueva York, 1999; SARS, China, 2002-2003; MERS, Arabia Saudí, 2012; ébola de nuevo, África occidental, 2014. Y esto no es más que una selección. Ahora tenemos el nCoV-2019, el más reciente redoble del tambor”.

<sup>10</sup> “Coronaviruses are important human and animal pathogens. At the end of 2019, a novel coronavirus was identified as the cause of a cluster of pneumonia cases in Wuhan, a city in the Hubei Province of China. It rapidly spread, resulting in an epidemic throughout China, followed by an increasing number of cases in other countries throughout the world. In February 2020, the World Health Organization designated the disease COVID-19, which stands for coronavirus disease 2019. The virus that causes COVID-19 is designated severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2); previously, it was referred to as 2019-nCoV”.

<sup>11</sup> “Uno de estos expertos es la doctora Zheng-Li Shi, del Instituto de Virología de Wuhan, una de las autoras principales del borrador del artículo [...] que dio al nCoV-2019 su nombre e identidad”.



questões como proximidade e regularidade do contato, que constroem o ambiente em que a doença é forçada a evoluir. Quando essa interface entre humanos e animais muda, também mudam as condições nas quais essas doenças evoluem. (COLETIVO CHUANG, 2020).

Quanto à transferência zoonótica, essa é uma palavra que pode soar estranha, mas que originará muito interesse a partir de agora. Quammen (2014, p. 3) reforça que “É uma palavra do futuro, destinada ao uso pesado no século XXI. A zoonose é uma afecção animal transmissível ao homem”.<sup>12</sup> Embora pareça banal ou genérica, “As gripes são todas zoonóticas. Em última análise, todas as gripes provêm de aves aquáticas selvagens”. (QUAMMEN, 2015). O termo zoonótico aponta a estreita relação de convivência que os seres humanos estabeleceram com a natureza. O desequilíbrio da conexão total entre humanos e ecologia comprova que “[...] O humano é um tipo de animal, inextricavelmente ligado a outros animais: na origem e linhagem, na saúde e na doença”.<sup>13</sup> (QUAMMEN, 2020).

A zoonose ocupa os estudos de biólogos, virologistas e uma ordem de outros cientistas durante algum tempo. Embora corriqueira e muito presente na realidade das cidades, a zoonose não configura um conteúdo comum entre as pessoas. De acordo com Quammen (2014, p. 3)

A peste bubônica é uma zoonose. Todas as cepas de gripe são zoonoses. O mesmo ocorre com a varicela, tuberculose bovina, doença de Lyme,

Marburg, raiva, Síndrome Pulmonar por Hantavírus e uma estranha aflicção chamada Nipah, que matou porcos e criadores de porcos na Malásia, assim como pessoas que bebem tâmara (às vezes contaminada pelo vírus de excrementos de morcegos) em Bangladesh. Cada um deles reflete a ação de um patógeno que pode atravessar pessoas a partir de outras espécies. Essa forma de salto interespecies é comum, não raro; cerca de 60% de todas as doenças infecciosas atualmente conhecidas cruzam rotineiramente ou cruzaram recentemente entre outros animais e nós. Alguns deles - notadamente a raiva - são familiares, disseminados e ainda terrivelmente letais, matando milhares de seres humanos, apesar de séculos de esforços para lidar com seus efeitos, tentativas internacionais concertadas de erradicar ou controlá-los e uma compreensão científica bastante clara de como eles trabalham. Outros são novos e inexplicavelmente esporádicos, reivindicando algumas vítimas ou algumas centenas neste ou naquele lugar e desaparecendo por anos.<sup>14</sup>

Os denominados saltos interespecies produziram uma considerável proporção de doenças, algumas delas mais letais que outras.

O resultado do tipo de interação humana com o ambiente pagou seu alto preço, isto é, formando uma

[...] panela de pressão evolutiva criada pela agricultura e urbanização capitalistas. Isso fornece o meio ideal

<sup>12</sup> “It’s a word of the future, destined for heavy use in the twenty-first century. A zoonosis is an animal affection that’s transmissible to humans”.

<sup>13</sup> “[...] el humano es un tipo de animal, inextricablemente ligado a los demás animales: en origen y linaje, en la salud y en la enfermedad”.

<sup>14</sup> “Bubonic plague is a zoonosis. All strains of influenza are zoonoses. So are monkeypox, bovine tuberculosis, Lyme disease, Marburg, rabies, Hantavirus Pulmonary Syndrome, and a strange affliction called Nipah, which has killed pigs and pig farmers in Malaysia, as well as people who drink date palm sap (sometimes contaminated with the virus from bat droppings) in Bangladesh. Each of them reflects the action of a pathogen that can cross into people from other species. This form of interspecies leap is common, not rare; about 60 percent of all infectious diseases currently known either cross routinely or have recently crossed between other animals and us. Some of those – notably rabies – are familiar, widespread, and still horrendously lethal, killing humans by the thousands despite centuries of efforts at coping with their effects, concerted international attempts to eradicate or control them, and a pretty clear scientific understanding of how they work. Others are new and inexplicably sporadic, claiming a few victims or a few hundred in this place or that, and then disappearing for years”.

através do qual pragas cada vez mais devastadoras nascem, transformam-se, são induzidas a saltos zoonóticos e, em seguida, agressivamente vetorizadas através da população humana. (COLETIVO CHUANG, 2020).

A fim de tomar explícito o desdém quanto à ecologia, basta retroagirmos para a Grécia Antiga e percebermos que naquele tempo o ser humano se compreendia como parte da natureza. De acordo com Zubiri (2007, p. 10), o ser humano se encontrava impotente diante da natureza e era justamente esse o caráter fundamental que o fazia ser essencialmente uma parte dela, respeitando-a enquanto mistério. Hoje, a natureza, para o ser humano, não passa de um recurso a ser explorado e mais nada. Nesse sentido, a “[...] a nossa civilização é antibiológica, o homem é o maior inimigo da natureza [...]. Só que o progresso exige vítimas e, quanto mais longe for, mais vítimas serão”. (SVETLANA, 2016, p. 198). Ora, com a pandemia, parece que agora ‘talvez’ tenhamos mais consciência de que as vítimas somos nós mesmos.

Igualmente como na epidemia do vírus Ebola<sup>15</sup>, o pânico se alastrou rapidamente. O diretor do Instituto de Virologia Humana da Escola de Medicina da Universidade Maryland, nos Estados Unidos, Robert Gallo (2020), conhecido como um dos descobridores do vírus do HIV, lembra que a última vez que a humanidade passou por uma pandemia que exigisse medidas de quarentena global foi na denominada Gripe Espanhola, no já remoto ano de 1918.

A pandemia gerou recomendações oficiais de confinamento e fechamento de fronteiras. Entre as diversas reações concernentes às medidas de isolamento

social, houve a incisiva desconfiança quanto ao vírus.

## 2 MÚLTIPLAS REAÇÕES

Em 26 de fevereiro de 2020, o pensador italiano Giorgio Agamben publica um pequeno artigo intitulado ‘A invenção de uma epidemia’. Nele Agamben (2020, p. 17) critica as “[...] medidas de emergência frenéticas, irracionais e completamente injustificadas para uma suposta epidemia devido ao coronavírus [...]”.<sup>16</sup> Agamben protagonizou em seu histórico intelectual diversas publicações e entre muitos temas estudados, também se tornou conhecido pelo conceito de *Estado de exceção*. Ao que parece, Agamben (2020, p. 18) projetou sua teoria na realidade e ‘descobriu’ aquilo que colocou nela, como podemos examinar abaixo:

[...] existe uma tendência crescente de usar o estado de exceção como paradigma normal do governo. O decreto-lei aprovado imediatamente pelo governo ‘por razões de saúde e segurança pública’ dá origem a uma verdadeira militarização “dos municípios e áreas em que a fonte de transmissão de pelo menos uma pessoa é desconhecida ou em que há um caso não atribuível a uma pessoa de uma área já infectada pelo vírus”. Uma fórmula tão vaga e indeterminada permitirá ampliar rapidamente o estado de emergência em todas as regiões, pois é quase impossível que outros casos não ocorram em outros lugares.<sup>17</sup>

Hoje sabemos que a Itália conta com mais de quarenta e sete mil mortes e a distância física via confinamento foi uma alternativa viável frente a um vírus até então

<sup>15</sup> O vírus ebola, em seus efeitos sociais, apresenta similaridades com o que agora é visto com o COVID-19: “[...] o pânico gerado pela quantidade de casos e pela elevada letalidade fez com que muitos países tomassem a decisão de fechar suas fronteiras e quebrar acordos comerciais com Guiné, Libéria e Serra Leoa, prejudicando ainda mais os países com transmissão intensa de DVE”. (SAMPAIO; SCHÜTZ, 2016).

<sup>16</sup> “[...] medidas de emergência frenéticas, irracionais y completamente injustificadas para una supuesta epidemia debido al coronavirus [...]”.

<sup>17</sup> “[...] hay una tendencia creciente a utilizar el estado de excepción como paradigma normal de gobierno. El decreto-ley aprobado inmediatamente por el gobierno “por razones de salud y seguridad pública” da lugar a una verdadera militarización “de los municipios y zonas en que se desconoce la fuente de transmisión de al menos una persona o en que hay un caso no atribuible a una persona de una zona ya infectada por el virus”. Una fórmula tan vaga e indeterminada permitirá extender rápidamente el estado de excepción en todas las regiones, ya que es casi imposible que otros casos no se produzcan en otras partes”.

pouco conhecido. "O que causa pânico é que o vírus escapa do nosso conhecimento: a medicina não o conhece, o sistema imunológico não o conhece".<sup>18</sup> (BERARDI, 2020, p. 37). Este estranhamento de algo que parecia não existir, de uma hora para outra, muda nossa rotina e fez emergir ataques xenofóbicos: "Trump usou a expressão 'foreign virus' [vírus estrangeiro]".<sup>19</sup> (BERARDI, 2020, p. 52).

O filósofo francês Jean Paul Sartre já tornou célebre o sentimento de desconforto psicológico como responsabilidade de algo externo quando escreveu que "O inferno são os outros", mas isso mudou: agora os nossos anjos são os outros. Como disse Papa Francisco (2020), na Praça São Pedro vazia, ninguém se salva sozinho. Contudo, a mania humana em culpar o outro é antiga e foi 'utilizada' na pandemia global conhecida como 'gripe espanhola'. No decorrer da gripe espanhola as acusações foram deliberadas e cada nação tentava culpar a outra da desgraça que então se passava, como a historiadora Janete Abrão (2009, p. 93) constatou:

Peste de Dakar, Influenza Espanhola, Latizago, Gripe Moderna, Moléstia Reinante eram algumas das designações referentes à enfermidade que assolou o mundo em 1918. Devido ao horror que todos os países lhe tinham, em geral atribuíam a ela uma origem estrangeira. Assim, na Rússia chamavam-na Febre Siberiana e na Sibéria de Febre Chinesa; na França era Catarro Espanhol, ao passo que na Espanha foi batizada com o nome de Febre Russa.

O que deve ser essencialmente considerado é que a referida concepção xenófoba não pode ser assegurada. Contudo, face ao terror à emergência sanitária, o diário *Kölnner Stadt-Anzeiger* entrevistou o sociólogo e filósofo alemão Jürgen Habermas, que sintetiza o momento que vivemos: "Nunca

soubemos tanto de nossa ignorância".<sup>20</sup> Essa ignorância está sendo amplamente assumida pela ciência com uma velocidade de resposta impressionante. Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, "Cientistas publicam um novo estudo sobre coronavírus a cada três horas". (RIGHETTI; GAMBA, 2020). Ignorância, defesa ou negação, o certo é que "O efeito do vírus radica na paralisia relacional que propaga".<sup>21</sup> (BERARDI, 2020, p. 38).

O novo ponto de partida da questão do novo coronavírus retroage aos anos anteriores ao seu aparecimento. Será que ninguém conseguiu antever tamanho problema? Durante uma entrevista publicada em 2015, David Quammen foi questionado sobre qual seria a próxima ameaça global e respondeu, sem titubear, de acordo com o diálogo que vinha mantendo com especialistas:

[...] é inevitável que volte a haver uma grande pandemia. Pode matar dezenas de milhares, centenas de milhares, ou milhões de pessoas, consoante as circunstâncias e a forma como reagirmos, mas há de aparecer qualquer coisa dessas. Será com certeza um agente zoonótico. Terá origem em animais não humanos. Será certamente um vírus. (QUAMMEN, 2015, grifo nosso).

O problema foi 'levantado' em 2012 e virologistas já discutiam isso antes dessa data. A questão que se levanta aqui não é sobre o desinteresse do poder farmacêutico para a prevenção, muito menos da procura de culpados. A questão é que as informações circulavam livremente em canais de destaque na internet, artigos e livros... mas parece que não tiveram visibilidade. Daszak (apud QUAMMEN, 2020) afirmou, por volta do ano de 2012: "Temos alertado sobre esses vírus há quinze anos[...]".<sup>22</sup> Parece que os virologistas tinham razão.

Além disso, de forma retroativa

<sup>18</sup> "Lo que provoca pánico es que el virus escapa a nuestro saber: no lo conoce la medicina, no lo conoce el sistema inmunitario".

<sup>19</sup> "Trump usó la expresión «foreign virus» [virus extrajero]".

<sup>20</sup> "So viel Wissen über unser Nichtwissen gab es noch nie".

<sup>21</sup> "El efecto del virus radica en la parálisis relacional que propaga".

<sup>22</sup> "Llevamos quince años advirtiendo sobre estos virus [...]" (DASZAK apud QUAMMEN, 2020).

percebemos o silêncio dos intelectuais sobre as realidades virais, mas nem todos. O filósofo italiano Esposito (2005, p. 13) em seu livro *Imunitas: proteção e negação da vida*, considerou a questão<sup>23</sup>, raramente abordada antes da Covid-19:

[...] é perfeitamente compreensível que o atentado terrorista mais temido hoje, por ser o menos controlável, seja bacteriológico: germes da varíola, ebola, até a peste negra introduzida no ar, na água, nos alimentos. Por sua vez, a emergência epidemiológica que constituem as principais doenças infecciosas tem implicações econômicas, jurídicas, políticas e até militares precisas.

## 2.1 Diante do desafio

Perante as evidências que não atingiram os holofotes, os comportamentos em relação à pandemia não são homogêneos e entre eles parte da população não respeita as medidas de distanciamento. Berardi (2020, p. 38) assinala que "[...] não conseguíamos aceitar a ideia de estancamento como um novo regime de longo prazo".<sup>24</sup> (BERARDI, 2020, p. 38). Isto é, a ideia de cumprir algo parecido com uma quarentena parece difícil de conceber

Quando sairmos do confinamento e desta emergência sanitária, nada será como antes; isto já foi dito. Mas o que será preciso mudar? Nosso exame de consciência se limitará a uma temporalidade de curto prazo, como é de se temer, ou levará em consideração o ciclo completo [...]. (BASCHET, 2020).

Em primeiro lugar, quero dizer que não vamos sair 'dessa'. O processo de cuidado da Terra e da consideração de estarmos incluídos nela deverá ser contínuo. Todas as pessoas terão o dever de se engajar com o cuidado de todos. Isso implica diretamente as gerações que ainda não nasceram e, por conseguinte, os professores que estarão com elas. E é aqui exatamente que chegamos no

ponto axial da questão: o que você, professor e professora, vai fazer quando o futuro chegar? Bem, o futuro chegou. Depois da quarentena o 'futuro' vai se impor e você, professor e professora, estará na frente de alunos e alunas cujos pais passaram por uma miríade de coisas: desemprego, racionamento, redução salarial, violência doméstica sentida e assistida, isolamento, doenças e morte. A historiadora canadense Margaret Olwen MacMillan (2020) catedrática da Universidade de Oxford, sintetiza o desafio, ao afirmar que a pandemia

[...] nos faz perceber o quando dependemos uns dos outros, e nos faz ver o que está certo e errado nas nossas sociedades. Uma catástrofe nos força a repensar o que nós temos feito. E acho que, se algo bom pode sair desta catástrofe, e é, de fato, uma catástrofe, será que vamos reavaliar algumas das coisas que nós sabíamos, nosso coração sabia, que já estavam erradas. Eu espero que também olhe-mos para a ordem internacional, porque nós vivemos num planeta que não é tão grande assim. Tudo está ligado.

Vale sistematizar esse argumento e definitivamente reconhecer que a visão holística, onde tudo está conectado, é uma das lições pandêmicas. Animais, plantas, pessoas e toda a saúde e doença global interatuam.

## 3 PSICOLOGIA DA QUARENTENA E SEUS EFEITOS NA PERSPECTIVA FAMILIAR E INFANTIL

A quarentena é uma experiência incomum para praticamente toda uma população e mesmo os mais idosos são acometidos pelo ineditismo dela. Embora parte da população possa não colaborar com as recomendações oficiais municipais e governamentais, o efeito da quarentena também é econômico e, por isso, sentido por todos aqueles que não concordam com ela.

Diante das indicações médicas e

<sup>23</sup> Lembramos que o livro foi originalmente lançado por Roberto Esposito em 2002 em Turim, Itália com o título *Immunitas. Protezione e negazione della vita*.

<sup>24</sup> "[...] no conseguíamos aceptar la idea del estancamiento como un nuevo régimen de largo plazo".



sanitárias, diversas regiões do mundo adotaram o uso de máscaras e as recomendações, mesmo através de decreto, não foram praticadas por muitos. Infelizmente, “[...] as imagens do conflito não geraram necessariamente correspondência para mobilizar todos os agentes com condições de transformá-la”. (MEINHARDT, 2016b, p. 728).

A questão de um vírus letal ter se tornado um fenômeno globalizado transborda a simples noção de urgência ordinária. Inicialmente, não há prazo preciso de seu estancamento. A edificação desse trauma social onde ainda não há vacinas não tem data para acabar: a “[...] ambiguidade dialogal do trauma está em suscitar a declaração de sua existência ou a vivência de sua autocensura como validade indeterminada”. (MEINHARDT, 2016b, p. 725).

Como exemplo de urgência ordinária enquadram-se os procedimentos cirúrgicos do dia a dia.<sup>25</sup> A Covid-19 vai além da urgência extraordinária<sup>26</sup>, normalmente relegada a grandes incêndios ou quedas de avião. A pandemia da Covid-19 é melhor entendida como uma urgência extrema, mas diferente do vazamento nuclear de Tchernóbil em 1986. O acidente nuclear de Tchernóbil foi “[...] um evento raro e cujas consequências humanas são terríveis e assumem uma dimensão que vai muito além do local do evento ao prejudicar regiões inteiras por gerações”. (ZARKA, 2015, p. 65).

A urgência extrema da pandemia viral de 2020 é mais agravante, extrapolando a dimensão regional ou de um conjunto de países, como o vírus Ebola o foi. A urgência extrema da Covid-19 “Refere-se a um fenômeno cumulativo e progressivo, com efeito retardado” (ZARKA, 2015, p. 65). Isso aponta que o derramamento viral decorreu de uma profunda demolição ecológica construída por muito tempo. Consoante Zarka (2015, p. 65) as consequências dessa urgência

extrema “[...] são propriamente planetárias, com efeitos no futuro”.

Sobre este ponto, importa definir o que é quarentena de acordo como o exposto por Brooks et al. (2020, p. 912): “Quarentena é a separação e restrição do movimento de pessoas que foram potencialmente expostas a uma doença contagiosa para verificar se ficaram doentes, reduzindo assim o risco de infectar outras pessoas”.<sup>27</sup> Ora, como o vírus é invisível e assintomático em um largo número de casos, muitos indivíduos foram potencialmente expostos. O problema do contágio está na insuficiência e incapacidade das políticas públicas em verificar qual o percentual da população atingida. Logo, na impossibilidade de verificação e da comprovada extensão geográfica que toma, restringe-se uma população inteira.

Existe um diferencial sutil entre quarentena e isolamento. A quarentena

[...] difere do isolamento, que é a separação das pessoas que foram diagnosticadas com uma doença contagiosa por pessoas que não estão doentes; no entanto, os dois termos são frequentemente usados de forma intercambiável, especialmente na comunicação com o público.<sup>28</sup> (BROOKS et al., 2020, p. 912).

A dimensão de urgência acentuada causa pânico, ansiedade, depressão, estresse, sentimento de desesperança, instabilidade emocional e quedas nos recursos cognitivos para ativar o juízo crítico; fatores que separadamente ou de forma combinada estarão potencialmente presentes em uma quarentena.

Em alguns casos a mania de se proteger causam preocupações crônicas e uma estafa mental. Ainda, problemas preexistentes são reativados quando a realidade favorece um estado de alarme. De acordo com Corneau

<sup>25</sup> A urgência ordinária é “[...] a que tem, por exemplo, os serviços de emergência dos hospitais [...]. A urgência aqui não é um fenômeno raro, mas muito comum”. (ZARKA, 2015, p. 64-65).

<sup>26</sup> Quanto a urgência ordinária, “Trata-se de um evento raro, pouco frequente e cujas consequências são significativas e dramática [...]”. (ZARKA, 2015, p. 65).

<sup>27</sup> “Quarantine is the separation and restriction of movement of people who have potentially been exposed to a contagious disease to ascertain if they become unwell, so reducing the risk of them infecting others”.

<sup>28</sup> “This definition differs from isolation, which is the separation of people who have been diagnosed with a contagious disease from people who are not sick; however, the two terms are often used interchangeably, especially in communication with the public”.

(2006, p. 151)

[...] os medos coletivos agitam os medos individuais e levam os indivíduos, assim como os governos, a adotar medidas de segurança. Essas medidas podem até atingir níveis maníacos ou excessivos: nessa área, estamos em uma corrente psíquica e simbólica [...].<sup>29</sup>

Através dessa corrente cujo tema é o medo, muitas pessoas se unem em uma corrente psíquica nivelada por conteúdos de pessimismo, fatalismo e conformismo; as pessoas cultivam o medo e o propagam.

### 3.1 Fechamento das escolas

Diante do medo e dos escassos estudos sobre fechamento de escolas motivadas especificamente pela pandemia de Covid-19, as decisões determinadas por evidências se sustentaram através de pesquisas anteriores baseadas em surtos de gripe. Assim, Viner et al. (2020, p. 397) afirmam que “O fechamento da escola é baseado em evidências e suposições de surtos de gripe de que eles reduzem os contatos sociais entre os alunos e, portanto, interrompem a transmissão”.<sup>30</sup>

Entre inúmeros fatores relevantes, as atitudes de precaução, medo, assalto da novidade e a experiência assistida de unidades de tratamento intensivo entrando em colapso em países de primeiro mundo estimularam um ‘passo à frente’ para a prudência quanto ao desconhecido. Na busca de dados sólidos, a revisão bibliográfica de outras quarentenas anteriores a pandemia do Covid-19 ganhou força. Viner et al. (2020, p. 397) observaram que

Estudos de crianças e jovens do Reino Unido relatam que o número médio de contatos sociais diários durante as férias escolares é aproximadamente metade do número de dias letivos; no entanto, os contatos continuam e a mistura entre crianças e adultos e entre crianças de escolas diferentes aumenta de fato durante as férias e o fechamento da escola. A evidência para a eficácia do fechamento da escola e outras medidas de distanciamento social da escola vem quase inteiramente de surtos de gripe, para os quais a transmissão do vírus tende a ser conduzida por crianças. Não está claro se as medidas escolares são eficazes em surtos de coronavírus - por exemplo, devido a síndrome respiratória aguda grave (SARS) ou síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS) e, mais especificamente, COVID-19, para o qual a dinâmica de transmissão parece ser diferente.<sup>31</sup>

Dada a situação extraordinária, o fechamento das escolas se tornou um fato para a grande maioria da população escolar mundial. A questão já suscitou múltiplos debates, a maioria longe do consenso. O que concretamente sabemos, diante disso, está na efetiva regulamentação da quarentena e os efeitos nas famílias e, conseqüentemente, nas crianças. Antecipando-se a isso, a prática nos oferece resultados advindos de diversas importantes áreas, como da área da educação física:

As crianças confinadas em casa terão dificuldade para alcançar as diretrizes de comportamento do movimento da OMS em 24 horas, que recomendam 60 minutos por dia de atividade física

<sup>29</sup> [...] los miedos colectivos agitan los miedos individuales y conducen a los individuos, igual que a los gobiernos, a la adopción de medidas de seguridad. Estas medidas incluso pueden alcanzar niveles maníacos o excesivos: en este terreno, nos hallamos en una corriente psíquica y simbólica [...].

<sup>30</sup> “School closures are based on evidence and assumptions from influenza outbreaks that they reduce social contacts between students and therefore interrupt the transmission”.

<sup>31</sup> “Studies of UK children and young people report that the mean number of daily social contacts during school holidays are approximately half that of school term days; however, contacts continue and mixing between children and adults and between children at different schools actually increases during holidays and school closures. The evidence for the effectiveness of school closures and other school social distancing measures comes almost entirely from influenza outbreaks, for which transmission of the virus tends to be driven by children. It is unclear whether school measures are effective in coronavirus outbreaks—for example, due to severe acute respiratory syndrome (SARS), or Middle East respiratory syndrome (MERS) and, most specifically, COVID-19, for which transmission dynamics appear to be different”.

moderada a vigorosa para crianças de 5 a 17 anos. Isso compromete não apenas o bem-estar mental e o status de peso saudável dos jovens, mas também aumenta o risco de estabelecer hábitos perigosos, como aumento do tempo na tela e lanches que podem prejudicar a saúde cardiovascular e músculo-esquelética futura.<sup>32</sup> (BRITO, 2020, p. 2).

Muitos outros hábitos saudáveis podem ser modificados, como a alteração dos ritmos circadianos determinados pelo horário de sono significativamente ‘atrasado’ e condicionado por horas de uso eletrônico excessivo, sejam eles de jogos online ou outras distrações advindas do *homo digitalis*. Brooks et al. (2020, p. 912) relataram a dimensão histórica recente de quarentenas:

A quarentena geralmente é uma experiência desagradável para quem passa por ela. A separação dos entes queridos, a perda de liberdade, a incerteza sobre o status da doença e o tédio podem, ocasionalmente, criar efeitos dramáticos. Foi relatado suicídio, raiva substancial gerada e ações judiciais após a imposição de quarentena em surtos anteriores. Os benefícios potenciais da quarentena de massa obrigatória precisam ser pesados cuidadosamente contra os possíveis custos psicológicos. O uso bem-sucedido da quarentena como medida de saúde pública exige que reduzamos, tanto quanto possível, os efeitos negativos a ela associados.<sup>33</sup>

Em âmbito escolar, foco da presente pesquisa, a resignação gerada pela

quarentena e a resistência em cumpri-la levaram a uma quantidade significativa de pais e responsáveis a externarem surtos comportamentais episódicos de raiva, muitos deles, infelizmente, dirigidos às escolas. Sem dúvida, o rompimento com o funcionamento habitual do cotidiano tocou no mais profundo substrato social do ser humano, a saber, o humor. De acordo com a pesquisa de Brooks et al. (2020, p. 916)

Demonstrou-se frequentemente que o confinamento, a perda da rotina habitual e o contato social e físico reduzido com outras pessoas causam tédio, frustração e uma sensação de isolamento em relação ao resto do mundo, o que foi angustiante para os participantes. Essa frustração foi exacerbada por não poder participar das atividades diárias do dia-a-dia [...].<sup>34</sup>

O que deve ser essencialmente considerado reside nas múltiplas e novas variáveis intervenientes de estresse psíquico que condicionam a suspensão parcial do juízo crítico dos agora confinados. O recurso à ponderação e avaliação racional da realidade fica abalada; isso porque o momento de estresse cumulativo implica menor capacidade de introversão cognitiva, ou seja, de estabilidade emocional para se distanciar momentaneamente do presente e analisá-lo de forma racional.

Ainda, a mineração incorreta de dados na internet e o sensacionalismo midiático causaram ansiedade não só dos ‘confinados’ sobre a questão do Covid-19. Relata-se pouca clareza e “[...] falta de transparência percebida por funcionários da saúde e do governo sobre

<sup>32</sup> “Children confined at home will struggle to achieve the WHO 24 h movement behaviour guidelines which recommend 60 minutes a day of moderate-to-vigorous physical activity for 5–17 year olds. This jeopardises not only young people’s mental wellbeing and healthy weight status, but also increases the risk of establishing dangerous habits, such as increased screen time and snacking that can damage future cardiovascular and musculoskeletal health”.

<sup>33</sup> “Quarantine is often an unpleasant experience for those who undergo it. Separation from loved ones, the loss of freedom, uncertainty over disease status, and boredom can, on occasion, create dramatic effects. Suicide has been reported, substantial anger generated, and lawsuits brought following the imposition of quarantine in previous outbreaks. The potential benefits of mandatory mass quarantine need to be weighed carefully against the possible psychological costs. Successful use of quarantine as a public health measure requires us to reduce, as far as possible, the negative effects associated with it”.

<sup>34</sup> “Confinement, loss of usual routine, and reduced social and physical contact with others were frequently shown to cause boredom, frustration, and a sense of isolation from the rest of the world, which was distressing to participants. This frustration was exacerbated by not being able to take part in usual day-to-day activities [...]”.

a gravidade da pandemia.<sup>35</sup> (BROOKS et al., 2020, p. 916). De acordo com Brito (2020) a Covid-19

[...] propõe-nos novas reflexões sobre o valor e o papel da ciência, tecnologia, educação e divulgação científica no presente século, em que a pós-verdade — um vírus ideológico fomentado por notícias falsas, teorias conspiratórias, racismo e interesses políticos — tem sido o léxico do presente tempo.

Fruto do desconhecimento e do próprio temor da calamidade, aliados ao sensacionalismo e ideologias virais, ansiedade, estresse e incertezas se expandiram diante do futuro. Na perspectiva da saúde, indubitavelmente “[...] o impacto psicológico da quarentena é amplo, substancial e pode ser duradouro. Isso não sugere que a quarentena não deva ser usada; os efeitos psicológicos de não usar a quarentena e permitir que a doença se espalhe podem ser pior.”<sup>36</sup> (BROOKS et al., 2020, p. 919).

Tem-se em conta, então, a relação de saúde entre crianças e seus cuidadores como fundamental. A resposta a essa correspondência não pode ser uma simples visão perspectiva do adulto para a criança. Quando adultos apontam a inconsciência das crianças pequenas em relação à pandemia, esquecem que a consciência infantil é a consciência dos pais. O que isso quer dizer? O quanto os responsáveis estão manejando estresse, ansiedade e até depressão reverte na absorção senciante que o mundo infantil processa de seu ambiente familiar. Conflitos conjugais, violência e discussões verbais atingem impreterivelmente os filhos e filhas de

qualquer idade. Os estudos de Liu et al. (2020, p. 1) atestam o argumento acima

A companhia é essencial para o desenvolvimento psicológico e o bem-estar normais das crianças. A separação dos cuidadores leva as crianças a um estado de crise e pode aumentar o risco de distúrbios psiquiátricos. Sprang e colegas relataram que crianças isoladas ou em quarentena durante doenças pandêmicas tinham maior probabilidade de desenvolver transtorno de estresse agudo, distúrbio de ajuste e luto. 30% das crianças isoladas ou em quarentena preencheram os critérios clínicos para transtorno de estresse pós-traumático.<sup>37</sup>

Pode-se dizer que tal pressuposto, da separação dos cuidadores ou responsáveis, não é apenas uma distância física, mas emocional. A separação também ocorre porque o ambiente doméstico se torna insuportável e o vínculo de apego é literalmente quebrado. O apego saudável, em seu atributo invisível, é amplamente sentido, principalmente na percepção senciante das crianças em relação às figuras que amam. Claro que, “Para as crianças em quarentena em casa com seus pais ou parentes, o estresse causado por uma mudança tão acentuada em seu ambiente pode ser atenuado em algum grau”.<sup>38</sup> (LIU et al., 2020, p. 1). Contudo, a minimização dos efeitos da quarentena é possível ou viável quando a estabilidade e atmosfera do lar ainda se mantêm relativamente pacífica.

Vale observar que a cronicidade da quarentena modifica diante da hipótese de algum indivíduo da família estar acometido de sintomas do novo coronavírus, podendo

<sup>35</sup> “Lack of clarity about the different levels of risk, in particular, led to participants fearing the worst. Participants also reported a perceived lack of transparency from health and government officials about the severity of the pandemic”.

<sup>36</sup> “[...] the psychological impact of quarantine is wide-ranging, substantial, and can be long lasting. This is not to suggest that quarantine should not be used; the psychological effects of not using quarantine and allowing disease to spread might be worse”.

<sup>37</sup> “Companionship is essential for children’s normal psychological development and wellbeing. Separation from caregivers pushes children into a state of crisis and might increase the risk of psychiatric disorders. Sprang and colleagues reported that children who were isolated or quarantined during pandemic diseases were more likely to develop acute stress disorder, adjustment disorder, and grief. 30% of the children who were isolated or quarantined met the clinical criteria for post-traumatic stress disorder”.

<sup>38</sup> “For children who are quarantined at home with their parents or relatives, the stress caused by such a sharp change in their environment might be eased to some degree”



causar separações físicas irremediáveis. Atento a isso, Liu et al. (2020, p. 1) afirmam que

[...] crianças separadas de seus cuidadores requerem atenção especial, incluindo crianças infectadas com ou suspeitas de estarem infectadas com coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2), que estão em quarentena em hospitais locais ou centros de observação médica coletiva; e crianças cujos cuidadores estão infectados com SARS-CoV-2 ou que morreram da doença e estão, portanto, sob os cuidados de grupos de caridade social. Essas crianças podem ser mais suscetíveis a problemas de saúde mental, devido ao maior risco de infecção e ao sofrimento e medo causados pela perda ou separação dos pais.<sup>39</sup>

Infelizmente, em casos de internação infantil em unidades intensivas hospitalares, a “[...] maioria do apoio local a crianças desacompanhadas se concentra apenas em atender às necessidades diárias básicas das crianças”.<sup>40</sup> (LIU et al., 2020, p. 2). Ainda, a premissa, da separação de cuidadores, levamos a outras fontes importantíssimas de afeto como avós e professoras, temporariamente impossibilitados de base vincular afetiva presencial.

Especialmente na área da educação, professoras devem estar atentas às características pós-traumáticas da quarentena. Isso significa que “[...] a vigilância pós-pandêmica de transtornos mentais entre essas crianças deve ser considerada”.<sup>41</sup> (LIU et al, 2020, p. 2). As vivências domésticas das crianças, incluindo a qualificação da atmosfera familiar durante a pandemia se transformarão em auto atributos infantis. Esses auto atributos refletirão a manutenção familiar dos afetos e serão levados de casa para a escola.

### 3.2 Escola e Covid-19

A autora russa Svetlana Aleksievitch, em seu livro *Vozes de Tchernóbil*, conta que, após o acidente nuclear de 1986 em Tchernóbil, a população foi evacuada, mas não parou por completo. O mundo estudantil não continuou imerso e prostrado no desastre porque as aulas continuaram em *outro lugar* e estabeleceram uma concorrência positiva e saudável face a catástrofe. Esse *outro lugar*, que concorreu com a abundância de desesperança, hoje está situado nos diversos recursos tecnológicos que possibilitam a continuidade do vínculo com a escola. Qualquer comunidade que perde o elo com a educação sofre uma decadência. Isso justifica os esforços da educação através da tecnologia, pois a escola está aberta à realidade e não de costas para ela. A intensificação ou piora do momento difícil que vivemos, na perspectiva da pandemia, estaria no desapego à escola.

Nenhum tipo de fechamento beneficia as crianças. O apego à escola, alimentada mesmo de longe com os recursos da tecnologia, mostra que a possibilidade de não fechar as portas contém uma mensagem muito especial, a saber, que os estudantes tenham esperança. O apego à escola não está somente na dimensão intelectual, mas nos sentidos de cada estudante e na importância do encontro com os colegas, mesmo virtualmente. As dificuldades vão passar com a escola e não sem ela.

Quanto à adaptação que o momento exige, a educação caminha à frente e não atrás. A utilização dos melhores recursos tecnológicos já era uma realidade para várias instituições. A formação continuada dos professores desenvolve dinâmicas através dessas ferramentas e, a partir de agora, na vida pós-quarentena, isso vai avançar. Logo,

<sup>39</sup> “However, children who are separated from their caregivers require special attention, including children infected with or suspected of being infected with severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2), who are quarantined in local hospitals or collective medical observation centres; and children whose caregivers are infected with SARS-CoV-2 or who have died from the disease and are thus under the care of social charity groups. These children might be more susceptible to mental health problems because of their higher risk of infection, and the grief and fear caused by parental loss or separation”.

<sup>40</sup> “[...] most local support for unaccompanied children focuses only on meeting children’s basic daily needs”.

<sup>41</sup> “[...] the post-pandemic surveillance of mental disorders among these children should be considered”.

não fomos pegos totalmente de surpresa.

Os estudantes percebem que um professor é interessante, quando ele está aberto à realidade, entrando em suas casas de outra forma. A experiência à distância demonstra que os professores estão abertos para aprender.

As crianças, em especial, têm um coração inocente e grande. Elas tentam realizar bem as atividades de cada dia e temos muito o que aprender com elas. São justamente as crianças que têm as boas perguntas. Por vezes, os adultos esquecem que um dia também foram crianças.

Um desafio que talvez seja maior para adultos e adolescente do que para as crianças é uma espécie de educação já perdida: a educação para o esperar. Numa época que a velocidade das coisas nos ultrapassa, o esperar é uma das grandes lições da pandemia. Nesse sentido, a palavra-chave para o momento que vivemos é a amabilidade. Ser amável nada mais é do que estar disponível, na medida do possível, para nossos filhos e filhas, companheiros e companheiras. Frequentar o outro é uma oportunidade de cada momento. Ser proativo com a família, perguntando como estão, bem como expor o apreço por eles, muda um dia. Essas atitudes essenciais favorecem a aprendizagem, já que aprender não está ligado apenas à inteligência, mas à inteligência senciante. O aprender primordialmente toca os sentidos e através deles a inteligência é construída. Nesse ínterim, especialmente a criança, sente a atmosfera da casa antes das orientações paterna e materna chegarem nela.

Na perspectiva exclusiva dos estudantes, vivemos um momento de desafio e a escola abraçou esse desafio. A psicologia da quarentena busca a resiliência ou elasticidade emocional, visando à manutenção da saúde através da vivência dos desafios e não uma vida assistida desde o sofá. A proposta da escola é criar expectativas e ir além do ordinário. A função do professor é produzir sonhos, mesmo em momentos difíceis, quando seria mais fácil viver pesadelos.

Agora, mais do que antes, entendemos

que o professor não ensina sozinho. O papel da família sempre foi importante no processo de aprendizagem. Hoje, devido as circunstâncias, o trabalho do professor é mais compartilhado. É evidente que o estresse psíquico está mais elevado e, por conseguinte, o juízo crítico diminua, mas justamente por isso, agora não é o momento para hostilidades.

### 3.3 Algumas estratégias para a quarentena

Após o tsunami de 26 de dezembro de 2004, observou-se que muitas zonas costeiras da Tailândia, Índia, Sri Lanka e Indonésia haviam sido afetadas. Qualquer ajuda imediata estava entre as próprias vítimas e não fora delas. Felix Wilfred (2005, p. 12) concluiu que “As vítimas foram as primeiras a ajudar outras vítimas, sem distinção de casta ou credo”.<sup>42</sup> O momento não é de desistência. O papel de vítima não gerará pró-sociabilidade alguma. Justamente essa é a capacidade de resiliência atual: ajudar e ser ajudado de alguma forma. A quarentena e os traumas que ela pode causar também geram atitudes solidárias. Os comportamentos altruístas, pouco estimulados pelos valores do sistema dominante em tempos de paz, conferem os surpreendentes efeitos positivos de traumas sociais (MARTÍN-BARÓ apud MEINHARDT, 2016b, p. 729).

A saúde mental constitui uma grandeza de relações entre pessoas mais que atributos individualizados, deixando de ser um problema terminal para converter-se em um problema basilar, uma vez que a especificidade dos seres humanos reside no caráter vivencial [...]. (MEINHARDT, 2016a, p. 621-622).

A saúde das relações é maior que a saúde individual. Cabe sublinhar que a força para a saúde está no ‘nós’, no ‘entre’, na qualidade do ‘eu e tu’ e não nas tentativas solitárias e autossuficientes para se erguer. Entre as diversas formas de auxílio, o apoio emocional exprime uma predisposição

<sup>42</sup> “Las víctimas fueron las primeras en ayudar a otras víctimas sin distinción de casta o credo”.

comum entre crianças e adolescentes, que alimentam espontâneas expectativas de atenção de seus pais e professores. Gaborit (2005, p. 46) ressalta que “A percepção ou crença de que outras pessoas estariam dispostas a fornecer apoio emocional e ajuda prática em momentos de dificuldade tem um efeito benéfico na saúde emocional e até física do indivíduo”.<sup>43</sup> Isso reforça a necessidade de escuta e diálogo sobre o momento de quarentena. A disponibilidade do professor em conversar com seus alunos a respeito da pandemia acalenta as angústias dos estudantes, fornecendo uma injeção de otimismo. “O poder curativo (*farmacon*) da memória está na liberdade de comunicação das diversas experiências negativas [...]”. (MEINHARDT, 2016b, p. 730). Isto é, o retorno às aulas presenciais não será um recomeço escolar qualquer, mas um recomeço de vida.

O *Centro para estudo do estresse traumático* em Maryland, Estados Unidos, destaca como promoção do bem-estar psicológico durante a quarentena a comunicação como uma intervenção<sup>44</sup>, facilitando a comunicação com as pessoas de que você gosta<sup>45</sup>. O conhecimento das condições das pessoas de que você gosta tem um impacto positivo na saúde emocional. Portanto, a recomendação é facilitar o uso da tecnologia se beneficiando das chamadas

telefônicas e de vídeo e outros recursos ou aplicativos de mídias sociais. Dessa forma, cada um mantém as pessoas que ama e gosta em contato<sup>46</sup>. Além disso, o planejamento e organização de atividades durante a quarentena pode ajudar a reduzir a monotonia e diminuir o foco no isolamento físico da família, amigos e colegas.<sup>47</sup> Isso implica uma boa distribuição das tarefas durante o dia. Em meio às atividades é importante fazer pausas em intervalos predeterminados, incluindo momentos para comer e beber<sup>48</sup>, pois algumas pessoas utilizam o trabalho levado para casa como excessiva válvula de escape.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a mobilidade do planeta restringida e a economia abalada, o tempo da quarentena serve para pensarmos o que vamos fazer. O novo coronavírus é uma oportunidade para se pensar o essencial. Não existem motivos para esperar o fim da pandemia. A visão da pós-pandemia já está presente nos variegados sintomas de toda uma população cujas marcas psíquicas durarão muito tempo.

#### REFERÊNCIAS

ABRÃO, Janete. A história de uma

<sup>43</sup> “La percepción o creencia de que otras personas estarían dispuestas a proveer apoyo emocional y ayuda práctica e momentos de dificultad tiene un efecto benéfico para la salud emocional y aun física del individuo”.

<sup>44</sup> “Promoção do bem-estar psicológico durante a quarentena. Use a comunicação como uma intervenção. Uma comunicação clara, compreensível e prática pode reduzir respostas psicológicas adversas e aumentar a adesão comportamental”. (CSTS, 2020). “Promoting Psychological Wellbeing During Quarantine. Use communication as an intervention. Clear, understandable, and practical communication can reduce adverse psychological responses and increase behavioral adherence”.

<sup>45</sup> “Facilite a comunicação com os entes queridos. O conhecimento das condições dos entes queridos pode ter um forte impacto na saúde emocional dos indivíduos em quarentena e melhorar a adesão à quarentena recomendada”. (CSTS, 2020). “Facilitate communication with loved ones. Knowledge of loved ones’ conditions can have a powerful impact on the emotional health of quarantined individuals and improve adherence to recommended quarantine”.

<sup>46</sup> “Durante a quarentena, facilite o uso da tecnologia (por exemplo, chamadas telefônicas e de vídeo, mídias sociais) para manter os entes queridos em contato”. (CSTS, 2020). “During quarantine, facilitate the use of technology (e.g., phone and video calls, social media) to keep loved ones in contact with each other”.

<sup>47</sup> “O planejamento de atividades durante a quarentena pode ajudar a reduzir o tédio e diminuir o foco nos sintomas e sentimentos de estar isolado da família e dos amigos”. (CSTS, 2020). “Planning for activities during quarantine can help reduce boredom and lessen the focus on symptoms and feelings of being isolated from family and friends”.

<sup>48</sup> “Verifique se suas próprias necessidades básicas são atendidas, incluindo: comer, beber e dormir; fazer pausas em intervalos predeterminados [...]”. (CSTS, 2020). “Make sure your own basic needs are met, including: eating, drinking, and sleeping; taking breaks at predetermined intervals [...]”.

epidemia: a ‘Hespanhola’ em Porto Alegre, 1918. **Bol. Saúde**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 93-99, jan./jun. 2009.

AGAMBEN, Giorgio. La invención de una epidemia. *In*: AMADEO, Pablo. **Sopa de Wuhan**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 17-19.

ARMANINO, Mauro; PIANA, Federico. Níger: coronavírus atinge o país mais pobre do mundo. **Vatican News**, Vaticano, 30 mar. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-03/niger-coronavirus-igreja-entrevista.html>. Acesso em: 11 abr. 2020.

BASCHET, Jérôme. COVID-19: o século XXI começa agora. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://n1edicoes.org/017>. Acesso em: 16 abr. 2020.

BERARDI, Franco. Crónica de la psico-deflación. *In*: AMADEO, Pablo. **Sopa de Wuhan**. ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 35-54.

BRITO, Alan Alves. Editorial. **Revista Brasileira de Astronomia**, São Paulo, Ano 2, n. 6, p. 2, abr./jun. 2020. Disponível em: [https://sab-astro.org.br/wp-content/uploads/2020/04/RAB-6\\_online.pdf](https://sab-astro.org.br/wp-content/uploads/2020/04/RAB-6_online.pdf). Acesso em: 22 abr. 2020.

BROOKS, Samantha K. *et al.* The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, London, v. 395, n. 10227, p. 912-920, 14-20 Mar. 2020. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0140673620304608?to-ken=4A74203F78306013903391E54B14C0FEFEFFFE10A1202850F8571C3FE98C04A4D881BD4CBB43738EB0B2061E875174953>. Acesso em: 11 abr. 2020.

CENTER FOR STUDY OF TRAUMATIC STRESS (CSTS). **Psychological Effects of Quarantine During the**

**Coronavirus Outbreak: What Healthcare Providers Need to Know**. Maryland, 26 feb. 2020. Disponível em: [https://www.cstsonline.org/assets/media/documents/CSTS\\_FS\\_Psychological\\_Effects\\_Quarantine\\_During\\_Coronavirus\\_Outbreak\\_Providers.pdf](https://www.cstsonline.org/assets/media/documents/CSTS_FS_Psychological_Effects_Quarantine_During_Coronavirus_Outbreak_Providers.pdf). Acesso em: 21 abr. 2020.

COLETIVO CHUANG. **Contágio social: coronavírus, China, capitalismo tardio e o ‘mundo natural’**. São Paulo: N-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://n1edicoes.org/022>. Acesso em: 15 abr. 2020.

CORNEAU, Guy. **Víctimas de los demás, verdugo de sí mismo**. Barcelona: Kairós, 2006.

ESPOSITO, Roberto. **Immunitas: protección y negación de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.

FOWLER, Thomas B. Artificial Intelligence in Light of Zubiri’s Theory of Sentient Intelligence. **The Xavier Zubiri Review**, Washington, DC, v. 15, p. 71-105, 2020.

FRANCISCO, Papa. Texto integral da homilia do Papa Francisco neste 27 de março. **Vatican News**, Vaticano, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-homilia-oracao-bencao-urbe-et-orbi-27-marco.html>. Acesso em: 15 de abr. 2020.

GABORIT, Mauricio. Aspectos psicosociales en un desastre natural: el huracán Mitch y El Salvador. *In*: PORTILLO, Nelson; GABORIT, Mauricio; CRUZ ALAS; José Miguel. (comp.). **Psicología social en la posguerra: teoría y aplicaciones desde El Salvador**. San Salvador: UCA Edidores, 2005. p. 29-60.

GALLO, Robert. Exclusive: can an Oral Polio Vaccine Help Stop the Coronavirus? **Amanpour and Company**, [S. l.], 14 abril 2020. 1 vídeo (18min 10s).



Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=azTcdQKcKvw>. Acesso em: 15 abr. 2020.

HABERMAS, Jürgen; SCHWERING, Markus. Interview mit Jürgen Habermas: "So viel Wissen über unser Nichtwissen gab es noch nie". **Kölner Stadt-Anzeiger**, Köln, Deutschland, 3 abr. 2020. Disponível em:

<https://www.ksta.de/kultur/interview-mit-juergen-habermas--so-viel-wissen-ueber-unser-nichtwissen-gab-es-noch-nie--36507420>. Acesso em: 11 abr. 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HENRY, Ronnie. Etymologia. Coronavirus [kə-ro'nə-vi"rus]. **Emerging infectious diseases**, Atlanta, p. 1027, May 2020. Disponível em: <https://wwwnc.cdc.gov/eid/>. Acesso em: 27 abr. 2020.

LIU, Jia Jia *et al.* Mental health considerations for children quarantined because of COVID-19. **The Lancet Child & Adolescent Health**, London, p. 1-2, 27 Mar. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lanchi/PIIS2352-4642\(20\)30096-1.pdf](https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lanchi/PIIS2352-4642(20)30096-1.pdf). Acesso em: 18 de abril 2020.

MACMILLAN: Countries 'have to work together'. 1 vídeo (12min 41s). **CNN**, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/videos/tv/2020/04/16/amanpour-margaret-macmillan-coronavirus.cnn>. Acesso em: 17 abr. 2020.

MCINTOSH, Kenneth. Coronavirus disease 2019 (COVID-19): clinical features. **UpToDate**, Apr. 2020. Disponível em: [https://www.uptodate.com/contents/coronavirus-disease-2019-covid-19-clinical-features/print?topicRef=127759&source=related\\_link](https://www.uptodate.com/contents/coronavirus-disease-2019-covid-19-clinical-features/print?topicRef=127759&source=related_link). Acesso em: 17 abr. 2020.

MEINHARDT, Giovani. Psicologia do conflito. In: SIDEKUM, Antonio; WOLKMER, Antonio Carlos; RADAELLI, Samuel Manica (org.). **Enciclopedia latino-americana dos direitos humanos**. Blumenau: Edifurb; Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2016a. p. 610-616.

\_\_\_\_\_. Trauma social. In: SIDEKUM, Antonio; WOLKMER, Antonio Carlos; RADAELLI, Samuel Manica (org.). **Enciclopedia latino-americana dos direitos humanos**. Blumenau: Edifurb; Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2016b. p. 721-732.

PANDEMIC school closures: risks and opportunities. **The Lancet Child & Adolescent Health**, London, v. 3, p. 1, 8 Apr. 2020. Disponível em: <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S2352-4642%2820%2930105-X>. Acesso em: 19 abr. 2020.

PATTYN, S. R. Introduction. In: \_\_\_\_\_. **Ebola virus haemorrhagic fever**. Amsterdam: Elsevier/North-Holland Biomedical Press, 1978. p. 3.

QUAMMEN, David. **Ebola: the natural and human history**. London: The Bodley Head, 2014.

\_\_\_\_\_. Spillover: the next human pandemic. Hangout with author David Quammen. **Scientific American**, [S. l.], 2015. 1 vídeo (53min 13s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rSNe9x11nuY>. Acesso em: 18 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Contagio: la evolución de las pandemias**. Barcelona: Debate, 2020. *E-book*.

RIGHETTI, Sabine; GAMBA, Estêvão. Cientistas publicam um novo estudo sobre coronavírus a cada três horas; China lidera. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1. abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/cientistas-publicam-um->

[novo-estudo-sobre-coronavirus-a-cada-tres-horas-china-lidera.shtml?utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=social&utm\\_campaign=compwa&fbclid=IwAR23fIN9LDop1tYfXW7k44Q73SWhHeE5IPMNLkb0j81mo5kdU1aVHofZbzw](https://www.who.int/news-room/detail/10-04-2020-new-ebola-case-confirmed-in-the-democratic-republic-of-the-congo). Acesso em: 15 abr. 2020.

SAMPAIO, João Roberto Cavalcante; SCHÜTZ, Gabriel Eduardo. A epidemia de doença pelo vírus Ebola de 2014: o Regulamento Sanitário Internacional na perspectiva da Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Cad. Saúde Colet.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 242-247, 2016. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cadsc/2016nahead/1414-462X-cadsc-1414-462X201600020184.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SVETLANA, Aleksiévitich. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VINER, Russel M. *et al.* School closure and management practices during coronavirus outbreaks including COVID-19: a rapid systematic review. **The Lancet Child & Adolescent Health**, London, n. 4, p. 397-404, 6 Apr. 2020, Disponível em: [https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lanchi/PIIS2352-4642\(20\)30095-X.pdf](https://www.thelancet.com/pdfs/journals/lanchi/PIIS2352-4642(20)30095-X.pdf). Acesso em: 19 abril 2020.

WILFRED, Felix. Honrar a los muertos y advertencia para los que viven. Para asumir el tsunami. *In*: CENTRO MONSEÑOR ROMERO (Ed.). **Tsunami**. San Salvador: El Salvador, 2005. p. 9-28.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Ebola virus disease**. 10 fev. 2020a. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/factsheets/detail/ebola-virus-disease>. Acesso em: 11 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **New Ebola case confirmed in**

**the Democratic Republic of the Congo.**

10 fev. 2020b. Disponível em:

<https://www.who.int/news-room/detail/10-04-2020-new-ebola-case-confirmed-in-the-democratic-republic-of-the-congo>.

Acesso em: 11 abr. 2020.

ZARKA, Yves Charles. **O destino comum da humanidade e da Terra**. São Leopoldo: Unisinos, 2015.

ZUBIRI, Xavier. **Cursos universitários**. V I. Madrid: Alianza Editorial; Fundación Xavier Zubiri, 2007.

**Recebido em: 10/10/2020**

**Aceito em: 20/11/2020**